



## A JUVENTUDE TOMA AS RUAS: 1968 E OS DIAS DE LUTAS CONTRA A REPRESSÃO EM MANAUS

Leonardo Bentes Rodrigues<sup>1</sup>

### Resumo

Os protestos do ano de 1968 geraram inúmeras indagações do povo, especialmente dos jovens diante dos sistemas políticos regentes de seus países. Contudo, estes “ecos” causaram preocupações nos governos conservadores e ditatoriais que tomaram medidas drásticas e repressoras contra os manifestantes, especialmente no Brasil. Este artigo abordará a luta dos estudantes brasileiros nas ruas e nas universidades contra a Ditadura Militar e as principais manifestações ocorridas na cidade de Manaus.

**Palavras – chave:** Ditadura Civil Militar. Protestos. Movimento Estudantil.

### Introdução

“É proibido proibir”, assim dizia a famosa pichação que nos traz a memória o movimento estudantil de Maio de 1968, quando os estudantes das Universidades de Nanterre e Sorbonne se uniram para lutar contra as medidas conservadoras impostas pelo governo francês do general Charles De Gaulle.

No cenário político global, a Guerra Fria dividia o mundo, mas a forte influência da diplomacia norte-americana dividiu ainda mais o povo da democracia nos países da América Latina. A “tensão internacional, Estados Unidos *versus* URSS, ou ‘comunismo *versus* mundo livre’, forneceria justamente o alibi ideológico para os golpes militares, que afirmaram com unanimidade a ser a democracia ‘incapaz de conter o comunismo’”.<sup>2</sup> No Brasil, os EUA apoiaram o Golpe Civil Militar de 1964 que depôs o presidente João Goulart. Os militares contaram com o apoio da classe média,

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa de Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/CAPES). Membro do Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA). Email: leobentesr@gmail.com

<sup>2</sup> COGGIOLA, Oswaldo. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 11.

empresários e de membros da Igreja Católica que temiam uma possível “comunização” do país. Alguns políticos norte-americanos como o Embaixador Lincoln Gordon acreditavam que o golpe foi bem sucedido, uma revolução rápida e sem sangue, poupando conflitos nas futuras relações entre os países.

Contudo, os estudantes não viam com bons olhos essa relação e a “bondade” dos militares em resolver os problemas econômicos e manter a ordem social do país. Mesmo nos EUA alguns setores da população não apoiavam a intervenção norte-americana na Guerra do Vietnã, na sua grande parte os estudantes revoltados contra a hipótese de morrer nos combates. Os EUA entraram numa guerra que a juventude renegou. Por fim, a intervenção norte-americana foi uma cilada para a ordem social dos países emergentes.

No mundo soviético a “Primavera de Praga” comandada pelo líder do Partido Comunista da Tchecoslováquia Alexander Dubcek, pretendeu criar um socialismo com “face mais humana”, promovendo reformas políticas, sociais, econômicas e culturais. Tal iniciativa foi duramente reprimida pela antiga URSS, a solução encontrada foi à invasão e ocupação da Tchecoslováquia por tropas soviéticas e do Pacto de Varsóvia. A população reagiu de modo pacífico, a resistência encontrada foi mudar as placas das ruas para que os soldados se perdessem. Porém, o movimento pela humanização do Partido Comunista foi desfeito e os estudantes queimaram a bandeira da antiga União Soviética como ato de repúdio nas ruas da capital Bratislava.

Em ambos os lados políticos, capitalismo e comunismo, os estudantes protestavam contra a repressão e opressão que assolava seus e os demais países. O ano de 1968 aconteceu de repente e ficou marcado na História, pois inúmeras transformações políticas, culturais e comportamentais aconteceram quase que simultaneamente em todo o mundo. Os rapazes e moças, na grande maioria estudantes, protestavam contra o estilo de vida imposta pelos americanos durante a reconstrução da Europa devastada pela II Guerra Mundial, mas não só os estudantes americanos e europeus protestavam contra a intervenção americana. Nos países latinos que viviam sobre a sombra da Ditadura Militar, a luta dos estudantes era pela liberdade democrática.

A década de 1960, eram não apenas radicais e explosivas, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social. Nos países ditatoriais, em geral elas

forneciam os *únicos* grupos de cidadãos capazes de uma ação política coletiva.<sup>3</sup>

É neste contexto que o movimento estudantil se intensificou, pois foi no ano de 68 que os estudantes lutando pela liberdade fizeram história. As universidades tornaram-se o espaço onde podiam discutir suas ideias e a rua o cenário da mudança. Mas, nem mesmo nestes locais a juventude não estava imune dos perigos das forças repressoras. As universidades e as ruas eram tomadas pelos estudantes nas principais cidades onde havia protestos, mas recebia em troca a repressão do governo. Nas ruas as formas de protestos eram diversas e a resistência reconhecida nas pichações, “os muros de Paris gritavam que para ser realista era necessário pedir o impossível”<sup>4</sup>, assim palavras de ordem como: “*É proibido proibir*” ou “*Imaginação no poder*” riscadas nos muros de Paris tornaram-se lema de luta do movimento estudantil no mundo inteiro. No Brasil, a pichação “*Abaixo a Ditadura*” tornou-se símbolo da resistência ao governo dos militares, assim os estudantes organizaram inúmeras manifestações e passeatas, unidos lutaram contra a repressão com coragem e principalmente tiveram paixão de lutar por seus ideais.

### 1968: Um momento de ruptura.

Segundo Hobsbawm, a Idade Média para 80% da humanidade acabou de repente em meados da década de 50, porém *sentiu-se* que acabou na década de 60. Os adolescentes cresceram durante a Guerra Fria e seus pais viveram o caos da Segunda Guerra, não queriam repetir tal experiência de epopeias revolucionárias e de resistência. A família patriarcal e católica é moralmente repressiva, é nesta época histórica radicalmente nova que os eletrodomésticos são inseridos no cotidiano familiar. A indústria musical e da moda está focada na juventude. Enfim, os adolescentes vivem essa contradição de maneira viva. Aqueles que vivenciaram essas transformações no seu tempo não souberam medir tal extensão, “pois as experimentaram paulatinamente, ou como mudanças na vida dos indivíduos que, por mais dramáticos que sejam, não são concebidas como revoluções permanentes”.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 292.

<sup>4</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *68: a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 50.

<sup>5</sup> HOBBSAWM, op. cit., p. 283.

O ano de 1968 é um momento de ruptura, pois o impossível tornou-se possível, um momento dramático e inesperado de luta em favor dos direitos humanos. Em vários países houve protestos, como na Alemanha onde os estudantes criticavam a autoridade estatal e científica da universidade, na França os estudantes de Nanterre protestavam contra a rigidez do sistema educacional. Os hippies surgiam com o discurso de “paz e amor”, Martin Luther King encabeçava a voz dos negros oprimidos na sociedade americana com o discurso da não violência. Nos EUA os protestos eram em favor dos direitos civis e na França contra o modo de vida, assim o mundo estava atento através da Imprensa a cada manifestação.

Em um planeta iniciando um irreversível e acelerado processo de globalização, com as primeiras transmissões ao vivo pela televisão, via satélite, encurtando extraordinariamente as distâncias entre o tempo e espaço, não era nada espantoso que jovens de formação, tradição e história como alemães, italianos, americanos, etíopes, escandinavos, brasileiros, franceses, tchecos, eslovacos, mexicanos, chineses e japoneses se rebelassem e encontrassem em seus protestos – que curiosamente tinham alvos em comum, como o autoritarismo – inspiração para criar novas formas de lutas.<sup>6</sup>

Assim, a própria Imprensa demonizou o momento, a imagem passada era de selvageria, loucura, rock´n roll, sexo, drogas, agitação, confusão, a impressão que todos tinham era: o mundo ficou louco!

A mudança estava nas ruas, o movimento feminista ressurgiu, o papel da mulher na sociedade machista é posto em discussão além do direito ao uso da pílula anticoncepcional, do aborto e do divórcio. As mulheres lutaram contra a ditadura, apoiavam as minorias, pediam o fim da calamidade da guerra do Vietnã e estavam nas ruas protestando por seus direitos. Os homossexuais também reivindicaram os seus direitos de modo aberto num mundo ainda tomado por forças conservadoras. É evidente que durante esta explosão de manifestações as minorias saíram de suas realidades herméticas e foram às ruas protestar por seus direitos, tinham dentro de si a vontade de mudar a sociedade marcada pela intolerância. O próprio movimento estudantil abriu uma enorme brecha para o movimento operário, passando a viver com eles para entender as suas necessidades. O caso típico é “maio de 68” na França, onde os operários se uniram aos protestos dos estudantes, logo, os jornais da época noticiavam:

---

<sup>6</sup> ZAPPA, Regina. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 12.

[...] uma greve de grandes proporções da qual participaram milhões de trabalhadores estava ontem estrangulando pouco a pouco a França. As bases do regime de 10 anos do presidente Charles De Gaulle estão ameaçadas, pois se aproxima de uma paralização em todo o país. [...] As exigências dos trabalhadores variam, mas são todas de caráter econômico: salários mais altos, menor semana de trabalho, aposentadoria em menos pouco tempo; [...].<sup>7</sup>

Para completar a situação já caótica, policiais invadiram as universidades e reprimiram duramente os estudantes de Paris que protestavam nas ruas, os universitários montaram barricadas e usaram pedras para enfrentar, de modo desigual, os policiais munidos de granadas de gás lacrimogêneo e outras armas. O fenômeno do *Maio* Francês espalhou-se por mundo afora abalando estruturas conservadoras e autoritárias.

“No Brasil, 1968 foi também um ano de tormentas, com um personagem central: a rebelião estudantil”<sup>8</sup>. O estudante, protagonista da luta pela liberdade, balançava as estruturas de uma Ditadura Militar.

A herança de 1968 é polêmica, rica e se faz sentir até hoje. Foi o ano deflagrador de uma série de reivindicações sociais, políticas e culturais que continuam sem solução. Indicou a necessidade da criação de uma nova ordem mundial voltada fundamentalmente para o homem, com a implantação da igualdade entre os sexos, do respeito à vida e ao meio ambiente, do planejamento ecológico e da defesa dos direitos das minorias.<sup>9</sup>

### **“Mataram um estudante, podia ser seu filho”.**

Na primeira página do Jornal *A Crítica*, uma coluna chama atenção para a necessidade de compreender a juventude em torno da situação política vivida durante a década de 60 no Brasil e no mundo: “Os jovens, caberá o futuro do mundo, e deles será o amanhã. Compreendamos a juventude para que ela chegue ao seu objetivo sem complexos e sem frustrações para ser mais feliz do que nós somos”.<sup>10</sup> Durante os três primeiros anos após o Golpe Civil Militar no Brasil não houve grandes manifestações de estudantes contra os militares, o governo já havia editado quatro Atos Institucionais que deram poderes plenos aos militares para combater a “corrupção e a subversão”. Os generais tentaram manter relações com a UNE (União Nacional dos Estudantes), uma vez que a grande maioria dos ativistas saía da classe

<sup>7</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.01, 21 de Maio de 1968.

<sup>8</sup> REIS FILHO; MORAES, op. cit., p. 11.

<sup>9</sup> ZAPPA, op. cit., p. 16.

<sup>10</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.10, 29 de fevereiro de 1968.

média, “os novos governantes acreditavam na possibilidade de conquistar a simpatia dos universitários através de uma ideologia anticomunista assentada nos ideais do chamado ‘mundo livre’”<sup>11</sup>. Mas, no ano de 1964 após o Golpe, foram abertos processos para apurar o envolvimento de estudantes que apoiavam o governo de João Goulart, posteriormente arquivados. Em 1965, os estudantes conseguiram através de um plebiscito repudiar o decreto baixado pelo Ministro da Educação, Flavio Suplicy de Lacerda, tentando extinguir a UNE e criar um Diretório Nacional dos Estudantes submetido às autoridades do regime.

Porém, alguns políticos denunciaram as medidas autoritárias aplicadas pelos militares para reprimir setores opostos ao regime, assim a “revolução” prometida desapareceria dando lugar a uma ditadura ferrenha e cruel.

#### **Regime vai cair.**

Se persistirem a inflação e a violência o regime vai cair. A declaração é do senador Pedro Ludovico, do MDB de Goiás. Para o Ludovico, Costa e Silva vai marchando pela mesma trilha errada em que seguiu Castelo Branco, apesar das advertências da juventude e da Igreja.<sup>12</sup>

“Na América Latina o resultado foi mais trágico porque o movimento estudantil não se deparou com regimes democráticos, mas sim com Estados de Segurança Nacional, que entendiam as manifestações como manobra subversiva e favorável ao comunismo”<sup>13</sup>. É importante citar o “fenômeno de inversão de alianças”<sup>14</sup>, pois os estudantes encontraram apoio de alguns membros da Igreja Católica.

Ademais, no dia 28 de março de 1968 os estudantes do Rio de Janeiro organizaram uma passeata reivindicando melhores condições do Restaurante Estudantil chamado de Calabouço, mas os estudantes não puderam sair em passeata devido à tropa da polícia militar que cercou o restaurante atirando nos estudantes, um dos feridos foi Edson Luis de Lima Souto estudante secundarista que morreu no local. A polícia militar ao tentar intimidar os estudantes realizou um bárbaro massacre, ceifando a vida do primeiro estudante morto pela ditadura.

Quando terminou o tiroteio, os estudantes transportaram nos ombros o cadáver de Edson em desfile até o edifício da Assembléia, a poucas

<sup>11</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 131.

<sup>12</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.03, 29 de Janeiro de 1968.

<sup>13</sup> SCHILLING, Voltaire. (Org.). *1968, a Revolução Inesperada*. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2008, p. 25.

<sup>14</sup> Cf. REIS FILHO; MORAES, op. cit.

quadras de distância do Restaurante do “Calabouço”, onde se verificou a manifestação. Ao passarem pela Embaixada dos Estados Unidos, alguns dos manifestantes atiraram pedras contra o edifício, quebrando três vidraças.<sup>15</sup>

O movimento estudantil antes de 1968 no Brasil encontrava-se em sérias dificuldades. Porém, após a morte de Edson Luís houve uma explosão de manifestações por todo o Brasil. O cadáver do estudante secundarista tornou-se um símbolo de resistência ao Regime Militar. Não ganhou honras de Estado, mas ganhou honras do povo. Símbolos nacionais foram adicionados próximo do seu corpo, mas é a bandeira do Brasil sobre o seu ataúde que representou uma homenagem do povo que costuma consagrar seus grandes heróis cantando o Hino Nacional. “Caiu Edson Luiz, um paraense, e levantou-se uma nação inteira, o Brasil, despertada pelo sangue de uma juventude que representa mais da metade de sua população”<sup>16</sup>, foram as palavras do deputado amazonense João Bosco Ramos de Lima (MDB) na Assembleia ao analisar a crise estudantil. Dias depois, a repressão matava outro estudante em Goiânia.

Durante uma sessão no Congresso Nacional, o Senador Artur Virgílio (MDB – Amazonas) condenou as práticas de repressão dos militares: “O estudante vem cada vez mais sendo marginalizado. Todos os seus movimentos por mais legítimos que sejam são considerados subversivos e sofrem de imediata repressão policial”<sup>17</sup>. A resposta dos estudantes veio durante o funeral de Edson Luis, o enterro foi uma grande manifestação com a presença de mais de 80 mil pessoas, a cidade parou, pessoas acenavam das janelas com panos pretos ao ver o cortejo passar e os estudantes erguendo suas faixas não paravam de protestar contra os militares. Os órgãos representativos dos estudantes do Amazonas assumiram posição de solidariedade aos estudantes brasileiros pela morte do colega, assim o Diretório Central de Estudantes da Universidade do Amazonas afirmou em nota:

I - MANIFESTAR seu mais profundo repúdio ao exercráveis autores desse covarde crime que só violência, à perseguição e ao ódio; II – ESTRANHAR que procedimentos policiaiscos dessa ordem se verifiquem exatamente quando o Govêrno comemora o 4° aniversário do Movimento Militar de Abril preconizando o restabelecimento integral a Democracia em nosso país, ora golpeada por êsse ato oprobrioso, que reflete apenas a incapacidade do Govêrno de dialogar com estudantes; III – EXPRESSAR à família do impávido colega assassinado as suas mais sinceras condolências, em nome de todos os estudantes do Amazonas, que se sentem consternados com essa inequívoca demonstração de selvageria e torpitude,

<sup>15</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.01, 29 de Março de 1968.

<sup>16</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 02 de Abril de 1968.

<sup>17</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 30 de Março de 1968.



por parte daqueles cuja missão específica consiste em salvaguardar a ordem pública e não matar à bala estudantes inermes; IV – DECLARAR-SE em luto oficial por sete dias, em sinal de pesar pelo objeto homicídio do colega NELSON LUIZ LIMA SOUTO\* consumado com extrema atrocidade pela polícia carioca; V – DECLARAR seriedades competentes que punam exemplarmente os autores e co-autores desse estúpido assassinato, sob pena de colocarem o país à mercê de elementos sanguinários, travestidos de mantenedores da Ordem. Manaus, 30 de março de 1968. A DIRETORIA.<sup>18</sup>

Para os generais era necessário a todo custo manter a ordem, mas a morte de Edson Luis conseguiu comover até mesmo a classe média, outro “fenômeno de inversão de alianças” foi à comoção das mães (da classe média) que viam a imagem do estudante morto em seus filhos, pois “mataram um estudante, podia ser seu filho”. A própria classe média estava sendo prejudicada com as medidas da Ditadura Militar, a repressão estava perdendo o rumo e a política financeira provocava falência nos pequenos e médios empresários, o arrocho salarial prejudicou operários e alcançou até mesmo os assalariados de classe média. “A classe média sentiu-se traída. E sua amargura estimulou a luta e o protesto dos estudantes”<sup>19</sup>. Atores, músicos, jornalistas, políticos e principalmente os operários passaram a apoiar a causa estudantil. “O Movimento Estudantil funcionou, assim, como principal porta-voz dos descontentamentos da sociedade frente ao Regime Militar”<sup>20</sup>.

### Quando a rua faz História.

A morte do estudante secundarista Edson Luís se deu às vésperas das comemorações do quarto ano do Golpe Civil Militar. No Amazonas, o Governo organizou atos em comemoração a efetivação da “Revolução”, assim chamado pelos próprios militares, no Brasil:

O Governo do Estado do Amazonas, pelo Chefe do Poder Executivo, Senhor Danilo Duarte de Mattos Areosa, e o Comando do Grupamento de Elementos de Fronteiras e da Guarnição Federal de Manaus, General de Brigada Edmundo da Costa Neves houram-se em convidar as autoridades e militares, as hierarquias do clero, a imprensa falada e escrita, as corporações profissionais das categorias patronato e assalariadas, os servidores públicos e o povo, por todos os seus elementos, para abrilhantarem com sua presença os atos do programa comemorativo da passagem do 4º aniversário da Revolução de Março, a ser cumprido no dia 31 do corrente, domingo [...].<sup>21</sup>

\* Na certidão de óbito constava o nome “Nelson Luís”, mas na realidade o estudante morto era “Edson Luís”.

<sup>18</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 01 de Abril de 1968.

<sup>19</sup> REIS FILHO; MORAES, op. cit., p. 12.

<sup>20</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, op. cit., p. 133.

<sup>21</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.01, 30 de Março de 1968.



Os atos em comemoração se deram em diversas formas, desde uma alvorada de fogos, missa solene celebrada pelo Arcebispo Dom João de Sousa Lima, desfile militar, inaugurações de conjuntos habitacionais e até um “ato solene” de reimplantação das obras de construção do Estádio Vivaldo Lima. Tal propaganda servia para apresentar a população em geral que o governo militar além de garantir a ordem estava mantendo o progresso da região, reforçando os ideais dos militares.

Numa entrevista coletiva, o Comandante Militar da Amazônia, General Edmundo da Costa Neves afirmou a necessidade de integrar o Amazonas ao resto do país, uma vez que em 1968 a Zona Franca começa a ser instalada e Manaus começaria a viver os efeitos do inchaço-urbano.

[...] Há muito tempo [o Amazonas] deveria merecer o tratamento que só agora, no Governo da Revolução vem obtendo e enumerou as construções das rodovias Cuiabá – Porto Velho -Rio, com conclusão prevista para o fim do ano e Manaus - Boa Vista –Santa Helena e Manaus – Porto Velho, com condições de tráfego dentro dos próximos três anos, como o eixo rodoviário, que integrará a Amazônia ao Brasil. No setor desenvolvimento, mostrou os incentivos fiscais, advindos com a Zona Franca de Manaus, proporcionando maior um considerável aumento no mercado de trabalho, elevação do índice do padrão de vida e conseqüente redução do custo de vida [...].<sup>22</sup>

Destacou o comportamento dos estudantes amazonenses perante os protestos que eclodiram após a morte do estudante secundarista no Rio de Janeiro:

Focalizando o problema estudantil brasileiro, o Comandante Militar da Amazônia, elogiou o comportamento dos estudantes amazonenses achando mesmo muito equilibrada a Nota publicada nos matutinos de ontem, sobre o assassinio pela Polícia de um jovem estudante. [...] Asseverou, podem estar certos que o Governo não permitirá a repetição de fatos desagradáveis como os ocorridos antes da Revolução. A morte do estudante no Rio de Janeiro, está dando margens para que jovens estudantes, sem maturidade, sejam usados como “inocentes úteis”, por elementos inconformados com a atuação da ordem vigente que em seus pronunciamentos e “slogan”, usam panfletos contra os Estados Unidos, contra a Ditadura, contra eleições indiretas, fazendo exploração da morte de um colega [...].<sup>23</sup>

Por fim, o discurso final do general foi de que a função dos militares era garantir a ordem do país frente aos protestos dos estudantes, muitos associados a partidos de esquerdas e adeptos do comunismo, “encerrou a entrevista coletiva destacando a obra revolucionária, de afastar do Brasil a ameaça comunista e

<sup>22</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 01 de Abril de 1968.

<sup>23</sup> Ibid.

reafirmar que na Presidência da República do Brasil, existem brasileiros, antes de serem militares ou civis”<sup>24</sup>.

Diante dos inúmeros protestos, os estudantes enfrentaram os militares com tudo aquilo que tinham: pedras, paus, cortiça, vasos de flores, cadeiras, tijolos, bolas de gude (para enfrentar a cavalaria) e as barricadas contra os revólveres, fuzis, pistolas, cavalos, bombas e as granadas de gás lacrimogêneo, era uma disputa totalmente desigual e a ordem manchada pelo sangue de alguns estudantes que resistiam para não se renderam nas mãos dos sanguinários militares revolucionários. Entretanto, a paixão por mudanças movia a juventude, “a decisão de conseguir a realização de seus interesses, conquistá-los, é visível no discurso, nas assembleias, nas passeatas, nos enfrentamentos”.<sup>25</sup> A rua era o espaço onde a utopia podia ser concretizada. Porém, os militares não abriram mão do seu “discurso pela ordem”, o Presidente Costa e Silva

declarou que a paz será preservada ainda que os agitadores não queiram. “Eles querem sangue – disse - mas a Nação continuará sem sangue porque estamos dispostos a não admitir a violência. Queremos a paz. Queremos trabalho e queremos a verdadeira democracia, uma democracia respeitada”.<sup>26</sup>

As Forças Armadas enfrentaram dificuldades em comemorar os quatro anos do Golpe, em várias das principais cidades do Brasil houve um descontentamento com o governo militar que incitou os governadores a proibirem as manifestações nas ruas em prol da ordem “a todo custo”. Contudo, “as organizações estudantis distribuíram manifestos pedindo apoio popular nas salas de cinemas, estádios e restaurantes”<sup>27</sup>, isto demonstra que o movimento estudantil no eixo Rio - São Paulo era forte e organizado para enfrentar a repressão. “Os novos tempos eram os únicos que os rapazes e moças que iam para a universidade conheciam. Ao contrário, eles sentiam, que tudo podia ser diferente e melhor, mesmo não sabendo exatamente como”<sup>28</sup>.

Em Manaus, a classe estudantil se restringe a comentar sobre os acontecimentos pelo Brasil afora, “nos bastidores das lideranças estudantis do Amazonas, se estrutura uma solidariedade simbólica, cujo desfecho prevê a celebração de uma missa de Réquiem. No entanto nem dia, hora e local estão ainda

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> REIS FILHO; MORAES, op. cit., p. 46.

<sup>26</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.01, 02 de Abril de 1968.

<sup>27</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 02 de Abril de 1968.

<sup>28</sup> HOBBSAWM, op. cit., p. 296.

definidos”<sup>29</sup>. Porém, o deputado João Bosco Ramos de Lima (MDB) durante o seu discurso na Assembleia Legislativa do Amazonas, além de apoiar os protestos dos estudantes denunciou os atos dos militares:

Para que não se taxe de subversivos mais tarde, estudantes que clamam: por um direito legítimo. Para que não se taxe de comunistas jovens que lutem por direitos democráticos. Para que não se chame de inocentes úteis, brasileiros conscientes de seu papel perante o país, para que não sejam necessários outros Edson Luiz, mortos e chacinados na via pública, pela violência daqueles que não tem coragem de enfrentar suas próprias responsabilidades e preferem a bala e a força aqueles que preferem a seu lado a força do direito e a coragem juvenil dos que ainda sabem morrer por um ideal.<sup>30</sup>

A crítica do deputado João Bosco aos militares trouxe a realidade que os estudantes passavam ao lutar por direitos democráticos, eram taxados de comunistas e subversivos, pois incitavam a violência e o terror numa sociedade controlada pelo “discurso da ordem”, embora partidos de esquerda tenham influenciado participantes dos grandes protestos estudantis. Os operários, juntamente com os estudantes, passaram a lutar por melhores condições no trabalho. Esta união não era vista com bons olhos, mas os operários deixaram claro: “Excelentíssimo povo brasileiro. Precisamos de homens que honrem as calças que vestem. Não queremos aqui o comunismo. Não queremos o fascismo. Queremos liberdade. Agora, é hora de fazer pouco e fazer mais. Os trabalhadores também estão juntos com os estudantes”<sup>31</sup>.

Em Manaus a situação estudantil é completamente diferente do centro dos grandes protestos, não há grandes manifestações e confrontos, portanto os estudantes se limitavam apenas em acompanhar através dos noticiários o desenrolarem dos acontecimentos em todo o país e no mundo. Entretanto, o movimento estudantil era robusto e organizado.

É de se notar o bom comportamento do estudante amazonense que não esta alheio ao movimento de revolta contra os atos de brutalidade que vêm sofrendo colegas, em outros centros, lançando o seu protesto veemente por meio de notas públicas e indo mais além com a celebração no dia 4 de uma missa pelo sufrágio da alma do estudante Edson Luiz de Lima que primeiro tombou.<sup>32</sup>

A presença de um estudante que também era chefe de polícia influenciou certamente os projetos do movimento. Trata-se do Dr. João Valente, chefe de polícia

<sup>29</sup> A CRÍTICA, p.08, Manaus, 02 de Abril de 1968.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> REIS FILHO; MORAES, op. cit., p. 71.

<sup>32</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 03 de Abril de 1968.

que também era estudante de Direito e cursava o quinto ano. Mostrava-se alegre com a situação no Estado do Amazonas, mas se a situação fosse outra não vacilaria em usar a sua autoridade para manter a ordem esclarecendo que “não mediria esforço a convencer seus colegas estudantes da inconveniência de qualquer movimento de perturbação da ordem pública”<sup>33</sup>, o diálogo seria primeiramente utilizado, mas se houvesse algum embate não mediria esforços em utilizar a força.

Contudo, a situação muda. Os estudantes amazonenses organizam uma missa na Igreja de São Sebastião em memória do colega Edson Luís, porém não descartam a realização de uma passeata. Novamente, o Dr. João Valente, em nome da “paz e da ordem” tenta dialogar com os “colegas”: “Eu acredito no alto grau de compreensão de vocês. Não façam passeata. Conservem-se equilibrados”<sup>34</sup>. A polícia e os militares temendo uma possível passeata e um confronto direto com eles, organizaram medidas preventivas para evitar possíveis baderneiros que pudessem aproveitar do momento para envolver o nome dos “pacíficos estudantes amazonenses”. O Jornal *A Crítica* noticiou que “os estudantes amazonenses confirmaram para as 17 horas de hoje na Igreja de São Sebastião, a realização da missa em sufrágio da alma do estudante Edson Luiz de Lima Souto”<sup>35</sup>. Os atos em homenagem ao estudante secundarista aconteceram no dia 04 de Abril de 1968, a missa foi presidida pelo Pe. Silvio Larezzo na tradicional Igreja de São Sebastião no Centro da cidade, após a missa os estudantes saíram pelas ruas de Manaus num protesto silencioso.

A notícia principal do Jornal *A Crítica* no dia seguinte ao protesto foi: “Amazonense fez protesto de Rua”. A primeira página do jornal mostra estudantes protestando pelas ruas de Manaus com a boca amordaçada as vistas da polícia. Tal ato reuniu, segundo o jornal, cerca de 2 mil estudantes, “aglomeraram-se na praça de São Sebastião e ante os olhos das autoridades militares, inclusive do general Edmundo da Costa Neves que comandava pessoalmente as manobras”<sup>36</sup>. Portando pano preto de luto e lenço amordaçando a boca, os estudantes amazonenses responderam de forma direta e provocativa a repressão dos militares. A boca amordaçada representou o símbolo de resistência do movimento estudantil amazonense, significando aos olhos da imprensa um “amordaçamento total”<sup>37</sup>, uma súplica vista pelo povo que acompanhava nas calçadas e nas janelas dos grandes

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> A CRÍTICA, Manaus, p.08, 04 de Abril de 1968.

<sup>35</sup> Ibid.

<sup>36</sup> A CRÍTICA, p.08, Manaus, 05 de Abril de 1968.

<sup>37</sup> O JORNAL, p.08, Manaus, 05 de Abril de 1968.

casarões do centro histórico. A polícia ciente da passividade dos estudantes mantiveram os policiais armados de cassetetes sem usar armas, prontos para uma possível contenção, mas a calma foi rompida por momentos de tensão e protestos.

Os estudantes dirigiram-se em passeata pela rua José Clemente dando a impressão de que iriam para a Avenida Eduardo Ribeiro. A polícia, agindo preventivamente, postou-se com 2 pelotões impedindo a entrada na avenida. Os estudantes dirigiam-se contra os policiais sendo grande a tensão deste momento. Tudo indicava que far-se-ia o choque. Nessa ocasião os estudantes ensaiando uma vaia dobraram a esquerda, descendo a rua Barroso, driblando os policiais que já se preparavam para enfrentar a massa estudantil, dirigindo-se até a sede de sua entidade.<sup>38</sup>

O Teatro Amazonas foi ocupado por policiais e militares que ali instalaram um centro de operações, um ótimo posto de observação onde se podia acompanhar toda a mobilização dos estudantes. A suspensão de aulas das escolas públicas e particulares fez com que alguns estudantes ficassem à paisana, outros curiosos somaram-se aos manifestantes. A mudança de rota do protesto fez com que as viaturas do Exército cercassem os manifestantes na Rua Barroso, enquanto isso alguns estudantes discursavam.

“Enche-nos de satisfação ver tantos estudantes amazonenses unidos, numa demonstração de que ainda somos parte do Brasil que ainda nos preocupamos com os problemas que afligem o país e a classe estudantil nacional”. – falou o acadêmico Edson de Oliveira, da Faculdade de Direito no comício relâmpago realizado em frente a antiga sede da UEA (União dos Estudantes do Amazonas).<sup>39</sup>

Enquanto o acadêmico Edson de Oliveira discursava, viaturas da polícia se aproximavam pela contramão pressionando o fim da manifestação:

“Essa passeata ordeira, silenciosa, já foi nosso protesto – continuava o acadêmico – Peço agora que todos voltem para suas casas em silêncio, sem provocações, dando mais uma demonstração como há poucos minutos atrás de que os estudantes amazonenses são ordeiros, politizados. Cantemos agora o Hino Nacional”.<sup>40</sup>

Os estudantes vibraram com o Hino Nacional, enquanto os militares se dispersavam entre a multidão, autoridades militares chamaram o acadêmico Edson de Oliveira, houve então um momento de suspense entre a segunda parte do hino até as últimas estrofes, porém voltou pedindo que os manifestantes retornassem para

<sup>38</sup> A CRÍTICA, p.08, Manaus, 05 de Abril de 1968.

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> A CRÍTICA, p.08, Manaus, 05 de Abril de 1968.

suas casas, fazendo um minuto de silêncio numa homenagem póstuma ao estudante Edson Luís.

Não contentes com a manifestação, os militares com suas viaturas policiais, carros tanques e de bombeiros entraram no meio do protesto pela Rua Barroso, deram a volta pela Rua Costa Azevedo e desceram a Saldanha Marinho, que se encontrava cheia de estudantes, estes prepararam um último ato de protesto contra a repressão dos militares: “começaram aplaudindo e meteram uma vaia até passar o último carro tanque. Enquanto vaiavam podia-se notar a presença de militares e civis a paisana por entre os estudantes”<sup>41</sup>. Depois todos se retiravam sem maiores problemas. Após a manifestação estudantil de 1968 no Amazonas, o Reitor da Universidade do Amazonas expressou numa nota na primeira página do jornal parabenizando a atitude dos estudantes e universitários:

A Reitoria da Universidade do Amazonas diante do comportamento sereno e equilibrado dos estudantes universitários, quando da realização do programa levado a efeito, ontem, por ocasião da celebração da missa em sufrágio da alma do estudante vitimado no Estado da Guanabara, não obstante a tentativa insólita daqueles que pretendem agitar e subverter a ordem pública, em razão dos seus interesses excusos, - cumpre o agradável dever de louvar e agradecer aos estudantes a sua conduta que é uma demonstração de como sabem honrar as tradições universitárias amazonenses.<sup>42</sup>

Neste contexto é importante observar que certas autoridades utilizaram a imagem do estudante amazonense “pacífico, sereno e equilibrado” em contraste dos estudantes das principais cidades em que havia grandes manifestações. “O Amazonas através das autoridades constituídas e de sua brava mocidade deu uma lição de que é possível o diálogo honesto, sem detrimento da dignidade da pessoa humana”<sup>43</sup>. Os estudantes que confrontavam os militares através da violência eram considerados subversivos e perturbadores da ordem, estes eram demonizados pela ditadura, jogados na propaganda cruel que santificava os militares e condenavam os estudantes.

Em junho de 1968 houve importantes manifestações estudantis contra a ditadura militar no Brasil, violentamente reprimidas. Isto levou a protestos populares contra a ação da polícia contra os manifestantes: o governo acabou por decidir-se em retirar os militares das ruas e a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro protagonizada principalmente por estudantes, pôde realizar-se “pacificamente”.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Ibid., p. 01.

<sup>42</sup> A CRÍTICA, p.01, Manaus, 06 de Abril de 1968.

<sup>43</sup> Ibid., p. 08.

<sup>44</sup> COGGIOLA, op. cit., p. 21.

Os estudantes amazonenses foram espontâneos e severos, denunciaram a ditadura ao seu modo, foi através do silêncio e das bocas amordaçadas que encontraram a sua forma de resistência. Foram sensatos e sábios, pois burlaram ao seu modo a repressão dos militares e por isso marcaram a História do Amazonas, demonstrando que os estudantes não compactuaram com militares na busca repressiva da ordem nacional. “Os estudantes brasileiros estiveram nas ruas durante quase todo o ano, enfrentando a feroz repressão do governo militar. Lutavam por suas reivindicações, por liberdade e pelo fim da ditadura”<sup>45</sup>.

### **Considerações finais**

Portanto, a paixão pela mudança levou milhares de jovens as ruas para combater a repressão da Ditadura. O fenômeno das manifestações estudantis ofuscou totalmente as comemorações do quarto aniversário do Golpe que levou os militares ao poder. Em contrapartida, os estudantes amazonenses souberam burlar os militares ao protestar de forma silenciosa, com bocas amordaçadas e sem confronto direto com os militares que em vão estava nas ruas para “proteger” o povo diante de um possível confronto, entretanto levaram constantes vaias dos estudantes amazonenses como repúdio aos atos do governo.

É importante notar o discurso dos militares, utilizaram os contrastes dos modos de comportamento dos estudantes nas manifestações, afirmando que os estudantes que perturbavam a ordem eram considerados subversivos e deveriam ser reprimidos. Em suma, o estudante era considerado subversivo, não importava o seu comportamento.

A rua firmou-se como um verdadeiro espaço da democracia, onde todos podiam exprimir ao seu modo seu apelo por mudanças. Porém, no fim de 1968 as forças conservadoras prevaleceram. O AI – 5 foi baixado pelo Presidente Costa e Silva com o intuito de continuar a “Revolução”. A Ditadura Militar mostrava a sua verdadeira face, utilizando da tortura para reprimir seus opositores e proibindo qualquer tipo de manifestação. Os “anos de chumbo” assolaram a vida de muitas famílias e principalmente dos estudantes, muitos foram exilados, torturados, desaparecidos e mortos. Mas a juventude não parou de sonhar pela liberdade democrática do seu país.

---

<sup>45</sup> ZAPPA, op. cit., p. 15.